

ISSN 0101 - 3385

# LETRAS DE HOJE

Nº 106

DEZEMBRO DE 1996

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras  
Centro de Estudos da Língua Portuguesa



**LETRAS DE HOJE**  
 REVISTA TRIMESTRAL  
 CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA  
 E LETRAS - PUCRS  
 CENTRO DE ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

**Chanceler**

Dom Altamiro Rossato

**Reitor**

Professor Irmão Norberto Francisco Rauch

**Vice-Reitor**

Professor Irmão Joaquim Clotet

**Pró-Reitor de Administração**

Professor Antonio Mario Pascual Bianchi

**Pró-Reitor de Graduação**

Professor Francisco Alfredo Garcia Jardim

**Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação**

Professor Monsenhor Urbano Zilles

**Pró-Reitor de Extensão Universitária**

Professor Gilberto Mucilo de Medeiros

**Pró-Reitora de Assuntos Comunitários**

Professora Laury Garcia Job

**Diretor da Revista**

Prof. Ir. Elvo Clemente

**Conselho editorial****para assuntos lingüísticos**

Prof. Dr. Augustinho Staub, Prof. Dr. José

Marcelino Poersch, Profª Dra. Leonor Scliar

Cabral, Profª Dra. Leici Borges Barbisan, Profª

Dra. Feryal Yavas e Prof. Dr. Mehmet Yavas.

**Para assuntos interdisciplinares:**

Prof. Dr. Ignácio Antonio Neis e Prof. Dr. Mons.

Urbano Zilles.

**Para assuntos literários:**

Prof. Dr. Gilberto Mendonça Teles, Profª Dra.

Heda Maciel Caminha, Profª Dra. Petrona

Domínguez de Rodrigues Pasqués e Profª

Dra. Regina Zilberman.

Pedidos de assinaturas e permutas devem ser encaminhados para EDIPUCRS.

**Assinatura anual:**

Brasil ..... R\$ 22,00

Exterior ..... US\$20

Número avulso ..... R\$ 6,00

**Formas de pagamento:**

Cheque ou vale postal em nome da  
 Revista para EDIPUCRS  
 Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33  
 Caixa Postal 1429  
 90619-900 - Porto Alegre - RS

Os artigos para publicação devem ser encaminhados para:

Revista Letras de Hoje  
 Pós-Graduação em Lingüística e  
 Letras - PUCRS  
 A/c Prof. Elvo Clemente  
 Caixa Postal 1429  
 90619-900 - Porto Alegre - RS

A Revista aceita permutas  
 On demande l'échange  
 We ask exchange

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos, mesmo que não sejam utilizados

Composição:  
 SULIANI

Impressão:  
 EPECÉ

L 649 LETRAS DE HOJE/ Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras, PUCRS, - n.1 (out. 1967) - - Porto Alegre: EDIPUCRS, 1967 -  
 v.; 22cm  
 Trimestral  
 ISSN 0101-3335  
 1. Lingüística - Periódicos. 2. Literatura - Periódicos.  
 I. PUCRS. Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras.  
 CDD 405  
 805  
 CDU 8(05)

Índices para Catálogo Sistemático  
 Lingüística: Periódicos 80(05)  
 Literatura: Periódicos 82/89 (05)  
 Periódicos: Lingüística (05)80  
 Periódicos: Literatura (05) 82/89

**Letras de Hoje**  
 estudos e debates de  
 assuntos de lingüística,  
 literatura e língua  
 portuguesa

**Anais do  
 II SEMINÁRIO  
 DE HISTÓRIA DA LITERATURA**

João Pessoa-PB - junho de 1996

**PUCRS**

# SUMÁRIO

---

<b>Apresentação</b>	5
<b>Crítica e história da literatura no século XIX: verso e reverso da mesma moeda?</b>	
Maria Helena Rouanet	7
<b>Ainda e sempre os precursores: Bouterwek, Sismondi e Denis</b>	
Tânia Regina Oliveira Ramos	15
<b>Almeida Garrett e o cânone romântico</b>	
Regina Zilberman	25
<b>A literatura na <i>Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro</i> de 1839 a 1869</b>	
Thanira Chayb de Pillar	37
<b>Santiago Nunes Ribeiro e o <i>Minerva Brasiliense</i></b>	
Luiz Roberto Velloso Cairo	41
<b>Joaquim Norberto e a <i>Revista Popular</i></b>	
Maria Eunice Moreira	53
<b>A oficialização do cânone literário no <i>Ano Biográfico Brasileiro</i> (1876-1880), de Joaquim Manuel de Macedo</b>	
Tania Serra	63
<b>Sílvio Romero, José Veríssimo e o teatro brasileiro</b>	
João Roberto Faria	73
<b>A <i>Província de São Pedro</i> e a história da literatura</b>	
Carlos Alexandre Baumgarten	81
<b>Idealização romântica da mulher e misoginia: de alguns possíveis usos, em história da literatura, dos <i>Sonetos</i> de José Maria do Amaral</b>	
Sônia Monnerat Barbosa	89

---

<b>Narrando o Brasil: configurações do Brasil na ficção</b> Lucia Helena	99
<b>Eça de Queirós e a literatura nova</b> Maria Luíza Ritzel Remédios	111
<b>A representação da história na poesia: o caso Murilo Mendes</b> Maria da Glória Bordini	119
<b>RESENHAS</b>	
<b>"Ite, inflamate omnia", ou nas pegadas de Inácio</b> Dulce Maria Viana Mindlin	129
<b>Kybuti, ou o mito reencontrado</b> Dulce Maria Viana Mindlin	141
<b>A literatura portuguesa na escola de 2º grau: tradição ou contemporaneidade?</b> Maria Inês Batista Campos	153

## APRESENTAÇÃO

Desde a sua fundação, durante o Encontro Nacional da ANPOLL, em maio de 1992, em Porto Alegre, o GT História da Literatura voltou suas iniciativas para dois grandes objetivos: promover o debate entre os pesquisadores brasileiros componentes do grupo, associando a eles outros professores dedicados ao tema; e oferecer mecanismos para a divulgação dos trabalhos de pesquisas desenvolvidos pelos docentes e discentes a ele vinculado. Na primeira direção, o GT História da Literatura organizou o I Seminário de História da Literatura, em Caxambu, durante o IX Encontro Nacional da ANPOLL, em 1994; promoveu o I Seminário Internacional de História da Literatura, em setembro de 1995, em Porto Alegre, sob os auspícios do Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS; reuniu-se em João Pessoa, por ocasião do XI Encontro Nacional da ANPOLL, em junho de 1996, no II Seminário de História da Literatura. Na segunda direção, foi produzido o livro *História da Literatura*, pela Editora da Universidade de Campinas, EDUNICAMP, já em segunda edição, contendo ensaios da equipe formadora do GT; e lançou o volume intitulado *História da Literatura e Literatura Brasileira*, na série *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, com os trabalhos dos docentes participantes do Seminário de Caxambu; comunicações igualmente expostas naquele evento foram publicadas em *Letras de Hoje*, em 1995. Os *Anais* do I Seminário Internacional de História da Literatura estão em processo final de produção, e seu lançamento deverá ocorrer ainda em 1996.

Este volume de *Letras de Hoje* dá continuidade às metas traçadas pelo GT de divulgar os trabalhos de seus componentes. Nele está reunido parte significativa da produção do grupo, enfeixando as comunicações que constituíram o Seminário realizado em João Pessoa, em 1996, e que foram enviadas para publicação.

Com este lançamento, o GT História da Literatura considera consolidada a primeira fase de sua história, até agora vinculada à liderança dos professores integrantes do Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. Suas coordenadoras durante o período entre 1992 e 1996 esperam ter contribuído para a ampliação e fortalecimento dos estudos dedicados ao tema que o norteia, seguindo o rumo originalmente traçado.

Regina Zilberman  
Maria Eunice Moreira

# CRÍTICA E HISTÓRIA DA LITERATURA NO SÉCULO XIX: verso e reverso da mesma moeda?

MARIA HELENA ROUANET  
UERJ

*"Militaban los dos en el mismo ejército, anhelaban el mismo galardón." J. L. Borges. "Los teólogos"*

No "Ensaio histórico sobre as letras no Brasil", que abre o seu *Flori-légio da poesia brasileira*, Varnhagen não procura disfarçar a "repugnância" que experimentava ao escrever aquelas páginas (1850, p. 4). A peculiaridade da matéria com que estava lidando – textos literários, que ele definia como a "decoração" dos "edifícios" que são as nações (Id., p. 9) –, aliada ao caráter pioneiro por ele próprio atribuído à tarefa que se propunha realizar, constrangiam o visconde de Porto Seguro a emitir *juízos de valor* ao invés de se ater à seriedade do *registro imparcial de fatos*. Em poucas palavras: o que repugnava ao *historiador* era atuar como "juiz", ou como crítico (Ib., p. 3).

Embora os mesmos indivíduos se dedicassem geralmente a uma e a outra dessas atividades, jamais deixou de haver certa preocupação em definir os limites das duas áreas como sendo correlatas, porém diferentes. Por um lado, o século XIX havia dado à História da literatura um estatuto menos *comprometedor*, ao caracterizá-la como um *ramo* da disciplina histórica que, como tal, podia proteger-se dos riscos da subjetividade na medida em que o seu objeto seriam os *fatos*, concretos e, portanto, comprováveis. Por outro lado, a especificidade do trabalho do crítico – a julgar pela afirmação de um de seus mais famosos representantes – ficaria por conta de seu caráter "destruidor", pois a ele caberia "desfazer as *legendas*, para afirmar a luz" (Romero, S.: 1880, p. 3; grifo dele).<sup>1</sup>

Por este prisma, a crítica literária bem poderia ser vista como atividade *prévia* à elaboração de uma História da literatura, preparando o terreno que lhe permitiria registrar *fatos* devidamente *comprovados*. Ou seja: a tarefa do historiador da literatura seria realizada depois que a "luz" já se houvesse "afirmado", para retomar as palavras de Romero, e estabeleceria,

<sup>1</sup> A este respeito, remeto ao meu "Um Mister de boticários: o texto da crítica oitocentista", 2. ed., *Cadernos da Pós*, nº 3, UERJ, 1995, 9-40.

então, aquilo que, em meio a toda a produção de um lugar e/ou de uma época, efetivamente merecia ser conservado como patrimônio na memória coletiva.

No entanto, o exame dos textos de críticos e de historiadores da literatura do Oitocentos brasileiro revela a mais absoluta indistinção entre essas duas atividades. A tal ponto que o leitor contemporâneo, a quem não for dada de antemão qualquer referência esclarecedora, será incapaz de saber se está diante de um artigo publicado num jornal ou de um capítulo de uma História da literatura. E o mesmo Silvio Romero dá uma boa indicação do caráter no mínimo problemático desta questão ao publicar, já em princípios do século XX, o texto intitulado "Da crítica e sua exata definição" (1909).

Tome-se, por exemplo, o artigo "Castro Alves", publicado por José Veríssimo no *Jornal do Comércio* de 14 de agosto de 1899, para uma comparação com o capítulo VII do 2º volume da *História da literatura brasileira*, de Silvio Romero, que se intitula "Poesia. Ainda sexta e última fase do Romantismo" e se inicia com um estudo sobre o poeta baiano.<sup>2</sup> O que se vê é que, a despeito de serem considerados adversários irreconciliáveis, ambos os autores partem de uma mesma constatação que parece justificar a própria existência de seus textos: a imensa popularidade de que desfrutava Castro Alves (J.V.: 1899, p. 87; S.R.: 1888, p. 587). Um e outro prosseguem incluindo o poeta na linhagem de filiação do Victor Hugo de Châtiments, em virtude do cunho político-social de sua obra (J.V., p. 89; S.R., p. 593). E chegam até a lançar mão de termos idênticos para caracterizar sua poesia e justificar a tal popularidade, em passagens que vale a pena transcrever:

"Os povos meridionais, por índole exagerados e propensos à retórica [...] gostam das fortes imagens, dos rendilhados das frases, do farfalhar das palavras, de toda a exterioridade bulhenta enfim.

Por isso entre nós o que mais agradou de Castro Alves, foram os palavrões, as bombas, toda a falsa eloquência dos versos" (Romero, S.: Op. cit., p. 600; grifo dele).

"Porque no fundo o que preferimos é a forma, mas a forma retórica, eloquente ou que tal nos pareça, o 'palavrão', a ênfase, as belas imagens, quais as consideramos, aquelas sobretudo que por seu exagero, pela sua desconformidade, pela sua exterioridade, se possa dizer assim, mais impressionam o nosso espírito, de nenhum modo ático" (Veríssimo, J.: Op. cit., p. 91).

Quando Veríssimo publicar a sua *História da literatura brasileira*, quase trinta anos depois da de Silvio Romero, dedicará a Castro Alves cer-

<sup>2</sup> Como os volumes dos *Estudos de literatura brasileira* (Itatiaia/Edusp) nem sempre trazem a indicação da publicação original dos textos aí reunidos, recorri à Bibliografia de José Veríssimo fornecida por João Alexandre Barbosa, em seu *A Tradição do impasse: Linguagem da crítica & Crítica da linguagem em José Veríssimo*. SP: Ática, 1974, pp. 215-251.

ca de seis páginas do capítulo XIV, intitulado "Os últimos românticos". A "retórica" "empolada" de seus poemas e a presença, em sua obra, da "feição social e humanitária de Victor Hugo" voltam a povoar as frases do crítico-historiador (1929, p. 326-327). E, umas poucas páginas adiante, lá estará a popularidade do poeta baiano que apenas sofreu um deslocamento espacial dentro da arquitetura da argumentação (Id., p. 330).

Desta forma, neutralizam-se por certo as tão propaladas divergências entre Veríssimo e Romero. Mais que isto, porém, importa destacar como tais textos estão diluindo as fronteiras que delimitariam os campos da crítica e da história da literatura. Na verdade, qualquer distinção a ser estabelecida entre essas atividades acaba ficando restrita quase exclusivamente a sua inserção em determinado *todo*. Em outras palavras: o artigo crítico seria publicado isoladamente, valendo por si, numa página de jornal ou de revista, e poderia, na melhor das hipóteses, vir a fazer parte de um volume que se propusesse coletar esparsos de um ou mais autores. No entanto, se o mesmo texto fosse transplantado para um livro, digamos, "unitário", passaria a configurar apenas uma parte desse novo todo e seria recebido como um capítulo da unidade maior que é a História da literatura. Afinal, não foi isto que ocorreu com a obra de Romero, nas edições póstumas da *História da literatura brasileira*, organizadas por seu filho Nelson?

Para refletir sobre esta questão, de nada adiantaria recorrer à solução adotada por Afrânio Coutinho e apontar, como responsável por essa "identificação entre historiadores e críticos" a "onda historicista [que] contaminou os estudos literários" desde os trabalhos de Varnhagen e a fundação do IHGB (1964, p. 87). Tanto mais que venho tentando descartar, em meus estudos sobre o Brasil do século XIX, o olhar condescendente de Antônio Candido para quem um indivíduo como Silvio Romero pode ser "*salvo*" como intérprete do processo cultural", mesmo "quando se perde como crítico" (1945, p. 13; grifo meu).

Tenho antes buscado pensar as manifestações da atividade dos literatos oitocentistas como um processo consciente de constituição de um sistema intelectual cujas bases – independentemente de quaisquer avaliações valorativas que se possam fazer a seu respeito – seriam sólidas o bastante para garantir sua eficácia e sua continuidade ao longo de todo o século XX. Assim, diante do caso específico de que se está tratando aqui, interessa indagar se essa indiferenciação compromete aquele caráter "preparatório" atribuído à atividade crítica e aventar hipóteses que tentem dar conta desta questão em termos de uma funcionalidade sistêmica.

Um primeiro passo para a reflexão poderia ser relacionar o par *crítica literária e história da literatura* à preocupação de nossos intelectuais oitocentistas com uma pedagogia da nacionalidade. Não faltam exemplos da inquietação demonstrada por todos os que escreviam, no Brasil do século XIX, quanto a uma imperiosa necessidade de reunir conhecimentos

considerados *úteis*, uma vez que o brasileiro manifestaria não apenas ignorância das "coisas do Brasil", mas também – e talvez principalmente – um profundo descaço a este respeito (Cf., p. ex., Taunay, A. d'E.: 1885, p. 125). E uma "História da Literatura Nacional" seria sem dúvida uma das formas de se levar a bom termo essa incumbência. No entanto, a simples reunião de tais conhecimentos seria incapaz de produzir resultados efetivos se não se fizesse acompanhar de seu correlato indispensável: a divulgação.

Ora, a história da literatura teria, assim, o seu desempenho potencial prejudicado já que não prescinde da edição em livro, e este não era (não é) exatamente o veículo mais adequado à pretendida difusão. Afinal, segundo o próprio Veríssimo, se os escritores gozam de ampla liberdade em seus escritos é "porque, o livro, pouco lido, não tem repercussão em nosso meio" (1903, p. 46). E o mesmo se poderia dizer das revistas especializadas, a julgar pela avaliação de Machado de Assis que, em carta a Veríssimo, repete a afirmação que diz ter feito alguns dias antes: "não há revistas sem um público de revistas". Tal é o caso do Brasil" (1883, p. 1054).

Bem diversa, contudo, seria a situação dos jornais que vinham ampliando consideravelmente o seu universo de leitores desde as décadas de 30-40. "Quando principiou a sua carreira em 1827", o *Jornal do Commercio* – em que José Veríssimo publicava os seus artigos críticos – "tinha apenas 400 assinantes" (Martins, F. de S.: 1846, p. 265). "Em 1833", prossegue Martins, "ainda não possuía mais de 700" mas "agora em 1846 conta mais de quatro mil" (Id., ib.). E, com essa enumeração, o autor pretende "patente[ar]" o "Progresso do jornalismo no Brasil", expressão que dá título a este seu texto, publicado na *Revista trimestral do IHGB*.

Não é novidade relacionar tal aumento do número de leitores à popularização dos periódicos que se deveria, acima de tudo, ao surgimento dos romances publicados sob a forma de folhetins. Como escreve Albert Thibaudet, em sua *Histoire de la littérature française*, "aquilo que as revistas faziam de quinze em quinze dias, Émile de Girardin passou a fazer diariamente quando lançou *La Presse*, em 1836. O sucesso foi tamanho que os principais jornais o imitaram" (1936, p. 245; grifos meus). Tampouco será novidade atribuir a essas publicações de periodicidade mais reduzida a função de contribuir para "divulgar o gosto pela literatura e criar uma certa consciência crítica" (Candido, A.: Op. cit., p. 27).

Embora não haja indicação mais precisa a este respeito, trata-se aí certamente da seção de variedades intitulada "Folhetim", e não do romance "em fatias", que viria a receber idêntica denominação. Tal distinção não é inválida, contudo, minha reflexão; particularmente porque é a seqüência do trecho citado que vai ter todo interesse para o desenvolvimento da hipótese que proponho. "Tal função", prossegue Candido, "coube, por exceção, à crônica e ao folhetim de jornal que aproximaram do público, gra-

ças ao tom ameno e familiar, as obras, os autores e os grandes problemas literários" (Id., ib.).

Ao lembrar a estreita correlação existente entre os periódicos e a formação de um público leitor, Antonio Candido deixou de lado o texto crítico. Este, em sua modalidade jornalística, havia sido mencionado umas poucas linhas acima, a partir da citação de um trecho de Macedo Soares, como algo que não mereceria o nome de crítica, uma vez que "não tem estudo porque é feit[o] da noite para o dia, e tem missão porque o jornal é essencialmente comercial e político" (Id., ib.). E se Candido recorre à opinião formulada em "Da crítica brasileira", é para acrescentar que Silvio Romero, seu próprio objeto de análise, estava inteiramente de acordo com Macedo Soares.

Ratifica-se, assim, a divisão que já se tornou canônica quanto aos rumos da crítica literária no Brasil: a segunda metade do século XIX teria representado uma virada na trajetória dessa atividade, assinalada em particular pelo surgimento da chamada "Geração de 70". E Macedo Soares, escrevendo na década de 60, despontaria então como "um crítico de transição para a nova mentalidade", na avaliação de Silvio Romero, este sim considerado um de seus legítimos representantes (Id., ib.).

Ora, essa "nova mentalidade" corresponde à substituição da crítica anterior, de cunho antes biográfico – no estilo "Notícia sobre...", de Joaquim Norberto, p.ex.<sup>3</sup> –, por aquele tipo de artigo que, como se viu, não se distingue em nada dos capítulos de uma história da literatura. Com isto, o texto que *tem estudo* estava sendo introduzido no espaço da imprensa cotidiana e podia passar a desempenhar função análoga à que vinha sendo atribuída ao romance-folhetim há cerca de duas décadas. Ou seja: o folhetim estaria para o romance assim como o artigo crítico estaria para a história da literatura. Afinal, essa analogia de funções já se manifestava, de certo modo, na própria semelhança de apresentação entre esses dois tipos de textos que chegavam ao público sob o mesmo formato, os *rodapés*.

Longe pois de significar apenas uma vitória daquela "onda historicista" a que se refere Afrânio Coutinho, a crítica representante da "nova mentalidade" poderia antes ser encarada como uma frente de realização do projeto de constituição de um sistema intelectual. Por um lado, estavam-se criando condições para que o público se familiarizasse com os *grandes nomes* da literatura nacional e delineando, em doses homeopáticas, uma realidade que a história da literatura apenas organizaria num todo unitário. Vale lembrar que, com isto, estava-se ainda reforçando a impressão de totalidade que dá força de verdade à historiografia em seu viés mais tradicional. Por outro lado, estava-se também garantindo a *difusão* indispensá-

<sup>3</sup> Vejam-se os volumes da Coleção "Brazília. Bibliotheca Nacional dos melhores autores antigos e modernos publicada sob os auspícios de S.M.I. O Sr. D. Pedro", editada pela Garnier.

vel a qualquer empresa pedagógica, já que se firmavam, assim, os modelos e os padrões necessários ao estabelecimento de um conhecimento compartilhado sem o qual não haverá um sistema intelectual.

Considerada por esta perspectiva, a presença do IHGB na origem da *contaminação* apontada por Afrânio Coutinho deixaria de ser mero detalhe, na medida em que esse órgão representa o próprio projeto de constituição de tal sistema, em sua forma institucionalizada. Como seria então de se esperar, é justamente através da *Revista trimestral*, seu veículo por excelência, que se pode não só acompanhar o desenrolar desse processo, mas ainda perceber que se trata de um trabalho conscientemente elaborado.

Januário da Cunha Barbosa e Raymundo Cunha Mattos, autores da "Breve notícia sobre a criação do IHGB", publicada no número inaugural da referida revista, lançam as bases do projeto a ser cumprido quando afirmam ser "inegável que as letras, além de concorrerem para o adorno da sociedade, *influem poderosamente na firmeza dos seus alicerces*" (1839, p. 6: grifos meus). E quando se compara esta passagem com aquela definição proposta por Varnhagen (Cf. pág. 1, acima), verifica-se que a *utilidade social da literatura*, implícita na feitura do *Florilégio...*, vai estar explicitamente formulada no tom programático deste texto que é a própria justificativa da existência do IHGB.

Surgindo cerca de dez anos mais tarde, o referido artigo de Francisco de Souza Martins viria representar a descoberta do jornal como o grande aliado com que se poderia contar para a execução desta empresa, uma vez que "o ardor nacional pela leitura jornalística" deveria "augurar mui rápidos progressos na instrução do povo" (Op. cit., p. 274). No entanto, acrescenta ele logo a seguir, para que tais progressos se efetivassem, era preciso ainda "empregar medidas mais eficazes, [...] num sistema melhor concebido [sic] para *propagar* a instrução popular pelas classes ínfimas da sociedade" (Id., ib.; grifos meus).

Nada impede, portanto, que se considere efetiva a condição de etapa preparatória que a crítica representaria relativamente à história da literatura. Tal condição nada teria, porém, do caráter "destruidor" a ela atribuído por Silvio Romero. Pelo contrário, sua missão seria antes o estabelecimento das bases de uma construção que a história da literatura se encarregaria de ratificar e de consolidar ao dar-lhe uma feição *definitiva*. É certo que sempre se pode admitir que lhe coubesse a função de "desfazer *legendas*", como propunha Romero. Só que, para tanto, é preciso que não se dê a esta expressão o sentido de *pôr* alguma coisa *em discussão* a partir de determinados critérios. No quadro aqui traçado, o seu horizonte de significação deve ser necessariamente mais restrito: desfazem-se as *legendas* apenas na medida em que se estabelecem os *fatos*.

## Referências bibliográficas

- BARBOSA, Januário da C. & CUNHA MATTOS, R. J. "Breve notícia sobre a criação do IHGB". In: *Revista trimestral*, tomo I, n. 1, 1º trimestre de 1839, 3. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908, p. 6-8.
- CANDIDO, A. *O Método crítico de Silvio Romero*. São Paulo: Edusp, 1988 (Tese orig. apresentada em 1945).
- COUTINHO, A. "A Crítica literária no Brasil - 1ª". In: ———. *Crítica e poética*, 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, p. 82-107 (publ. orig. *Revista Interamericana de Bibliografia*, Washington, v. XIV, n. 2, 1964).
- MACHADO DE ASSIS, J. M. "Carta a José Veríssimo" (19.04.1883). In: ———. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1959, vol. III, p. 1054.
- MARTINS, F. de S. "Progresso do jornalismo no Brasil". In: *Revista trimestral do IHGB*, tomo I, 2ª Série, v. 8, Rio de Janeiro, 1846, p. 262-275.
- ROMERO, S. "Introdução" *A Literatura brasileira e a crítica moderna*. In: CANDIDO, A. (org.) *Silvio Romero. Teoria, crítica e história literária*. São Paulo: Edusp, 1978, p. 3-7 (publ. orig. 1880).
- . *História da literatura brasileira*, 2. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1903, vol. II (publ. orig. 1888).
- ROUANET, M. H. *Um Mister de boticários*. O texto da crítica oitocentista no Brasil, 2. ed. revista e ampliada. Série "Cadernos da Pós/Letras", n. 3, UERJ, 1995, p. 9-40 (1ª ed. 1993).
- TAUNAY, A. d'E. "A Floresta da Tijuca". In: ———. *Céus e terras do Brasil*, 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1948 (publ. orig. 1885).
- THIBAUDET, A. *Histoire de la littérature française: de Chateaubriand à Valéry*. Paris: Libr. Stock, Delamain & Boutelleau, 1936.
- VARNHAGEN, F. A. de. *Florilégio da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1946, 3 v. (publ. orig. 1850).
- VERÍSSIMO, J. "Castro Alves". In: ———. *Estudos de literatura brasileira*, 2ª Série. BH/SP: Itatiaia/Edusp, 1977, p. 87-94 (publ. orig. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 14/08/1899).
- . "Das condições da produção literária no Brasil". In: ———. *Estudos de literatura brasileira*, 3ª Série. BH/SP: Itatiaia/Edusp, 1977, p. 31-48 (publ. orig. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 23/07/1900).
- . *História da literatura brasileira*, 3ª milheiro. Rio de Janeiro/Paris: Francisco Alves/Aillaud & Bertrand, 1929 (publ. orig. 1916).